

O PROSTÍBULO COMO TEMPLO DAS "CONDENADAS" SOBRE A TERRA *

"On allait là, chaque soir, vers onze heures, comme au café, simplement". La Maison Tellier. Guy de Maupassant

Fernando Ainsa **

Prostitutas boas que podem chegar a ser santas; a prostituição como forma de enraizamento num mundo que está separado taxativamente entre o Bem e o Mal; o prostíbulo como "lar" de fanais vermelhos para o órfão sem raízes; o amor, a dor e a violência como formas de redenção do pecado, constituem o significativo universo que Francisco Espínola corporiza ética e existencialmente em **Sombras Sobre la Tierra**.¹

Este esforço de sublimada redenção é evidente na obra de Espínola, além das descrições realistas e objetivas com que se apresenta o fechado mundo do Baixo. É por isso que merece ser analisado nos elementos que o estruturam funcionalmente em uma alegoria representativa de longa tradição temática latino-americana.

Com efeito, a constante do prostíbulo e a prostituta como heroína aparece em todos os períodos da narrativa continental. Basta pensar, a simples título enumerativo, em *Santa*, do mexicano Federico Gamboa; *Calandria*, de Rafael Delgado; *Nacha Regules*, do argentino Manuel Gálvez; *La Marchanta*, *Los Fracassados*, *La Malhora* e *La Mala Yerba*, do mexicano Mariano Azuela, onde o tema aparece direta ou indiretamente referido.

- * Parte de um trabalho mais amplo que será publicado, brevemente, em Caracas, pela Monte Avila, sob o título *Los buscadores de la utopia*. Tradução para o Português de Nair Nodoca Takeuchi, Auxiliar de Ensino de Língua e Literatura Espanhola.
- ** Fernando Ainsa é Doutor em Direito e Ciências Sociais pela Universidad de la República (Uruguay) Montevideo (1965). Além dos romances *El testigo* (1964) *De papa en adelante* (1972), dos contos *En la orilla* (1966), *Con cierto asombro* (1965) e de um livro de ensaio *Las trampas de Onetti* (1970) publicou vários artigos em *Cuadernos hispanoamericanos* (Madrid), *Revista iberoamericana de Literatura* (University of Pittsburg), *Eco* (Bogotá), *Revista Nacional de Cultura* (Caracas), *Humboldt* (RFA), *Nueva Narrativa Hispanoamericana* (Adelphi University). Com outros autores publicou *Nueva narrativa rioplatense*, *Homenaje a Onetti* e *Homenaje a Andersen Imbert*. Atualmente, exerce, na UNESCO, as funções de Adido de Imprensa.

1 ESPINOLA, Francisco. *Sombras sobre la tierra*. 3. ed. Montevideo, Centro de Estudiantes de Derecho, 1966. 368 p. Todas as citações correspondem à esta edição.

A narrativa chilena é pródiga em romances sobre o prostíbulo. A mais famosa é **Juana Lucero**, de D' Halmar, mas em **El Roto**, de Joaquín Edwards Bello, o prostíbulo é centro e origem da vida, ainda que o naturalismo estético faça-o aparecer como expressão dos vícios sociais que o autor condena apaixonadamente. O realismo se prolonga em **Un Perdido**, de Eduardo Barrios, e se projeta em forma de mítico cenário em **El Lugar sin Límites**, de José Donoso. O mesmo Donoso, em **El Dinamarquero** (um relato do sul chileno), aborda o tema da prostituição com uma variante: o prostíbulo itinerante, que à maneira da prática medieval européia, percorre a América Latina. Este mesmo tema aparece lateralmente em **Los Pasos Perdidos**, de Alejandro Carpentier. A referência às prostitutas da Idade Média, que iam de Bremen a Hamburgo, de Amberes a Conite, em tempo de feiras, para tirar maus humores de mestre e aprendizes, é clara. Carpentier escreve:

Essas mulheres vermelhas corriam e passavam entre os homens escuros, levando fardos e maletas, em uma algazarra que acabava por confundir-se com o espanto dos burros e o despertar das galinhas adormecidas nas vigas dos alpendres. Soube, então, que amanhã seria a festa do padroeiro do povoado e que aquelas mulheres eram prostitutas que viajavam assim o ano todo, de um lugar a outro, de feiras a procissões, de minas a romarias, para aproveitar-se dos dias em que os homens se mostravam esplêndidos. Assim, seguiam o itinerário dos campanários, fornicando por São Cristóvão ou por Santa Lúcia, os fiéis defuntos ou os Santos Inocentes, às margens dos caminhos, junto aos muros dos cemitérios, nas praias dos grandes rios ou nos quartos estreitos, com bacia de barro, que alugavam atrás das tabernas. O que mais me assombrava era o bom humor com que as recém-chegadas eram acolhidas pela gente do estabelecimento, sem que as mulheres honestas da casa, a esposa, a jovem filha do estalajadeiro fizessem o menor gesto de menosprezo. Parecia-me que as olhava um pouco como aos bobos, ciganos ou loucos engraçados, e as criadas da cozinha riam ao vê-las saltar, com seus vestidos de festa, por sobre os porcos e os charcos, carregando seus trastes com a ajuda de alguns mineiros já resolvidos a gozar de suas primícias.²

A prostituição itinerante, esse novo "círculo sem centro" do buscado Templo americano, constitui o tema do relato de **La Carreta** e do romance do mesmo nome de Enrique Amorim. Na dimensão surrealista de uma desproporção mítica, forma também o fio condutor de **La Increíble y Triste Historia de la Cándida Eréndira y de su Abuela Desalmada**, de Gabriel García Márquez. Mais irônico e divertido, mas não menos significativo, também é o tema de **Pantaleón y las Visitadoras**, de Mario Vargas Llosa. A narração, recolhida da história da primeira guerra mundial, quando, nas campanhas do norte da África, os italianos organizaram prostíbulos itinerantes para suas tropas estacionadas no deserto, é representativo de uma mentalidade castrense e militar, que Vargas Llosa critica além da objetividade de sua narração. O escritor peruano havia desenvolvido em **La Casa Verde** a

2 CARPENTIER, A. *Los pasos perdidos*. Barcelona, Barral, 1971. p. 103.

Idéia de um prostíbulo, que é para Anselmo, a Selvática, e para os paroquianos da armada, morada, lar e símbolo da juventude e alegria. Só para o padre García, a "casa verde", é centro de vício, crime e corrupção.

A própria narrativa uruguaia, a que pertence Francisco Espínola, teve nas obras de raiz existencial de Juan Carlos Onetti a magnífica expressão de prostituta-santa e a prostituta-írmã, que pode desprender-se do mundo dos marginais agônicos que vai de *El Pozo* a *El Astillero*, mas que tem em *Juntacadáveres* seu melhor exemplo: o prostíbulo ideal.³

O tema pode encontrar-se em obras menores como *A la Una, a las Dos y a las...*, de Martín Gómez Palacio, ou *En Babia, el Manuscrito de un Braquicéfalo*, do portorriquenho J.J. de Diego Padró, ou em *Andreida: el Tercer Sexo*, de A. Isquierdo Albiñana. Em *Prometeo*, do equatoriano Humberto Salvador, o mais cru realismo acompanha a história de Carlos, o inspetor do Colégio Mejía, que gasta o salário de um mês numa noite, com uma prostituta de Quito.

Ao tomar o exemplo narrativo de *Sombras Sobre la Tierra*, de Francisco Espínola, não queremos outra coisa senão utilizar os valores simbólicos de sua alegoria e ao mesmo tempo, projetar seu romance, circunscrito sempre por diferentes razões ao âmbito nacional uruguaio, a um mais legítimo nível latino-americano. A função sinônima que havíamos proposto em parte deste trabalho que será publicado, em livro brevemente, tem aqui uma ótima oportunidade de aplicação metodológica.

o Órfão como rebelde agônico

Juan Carlos, o protagonista de *Sombras Sobre la Tierra*, é órfão. Seu pai morreu assassinado e sua mãe agonizou lentamente, vítima de uma incurável tuberculose. Despido de afetos familiares, o herói de Espínola vive só em um grande casarão vazio, cuidado por uma velha negra, Basflia. Esta condição de órfão na origem explicará muitas atitudes e a dimensão de "desafiante rebelião" do jovem estancieiro. Mas, ao mesmo tempo, insere-o numa vasta tradição literária: o órfão, como ser mítico, esse jovem primordial, divino menino do mito das origens, que deve afrontar só os perigos do mundo, crescendo somente por seus próprios impulsos. Este desafio exterior será muito atrativo, mas perigosamente moral, ainda que, ao mesmo tempo, também essas dificuldades façam-no aparecer revestido dos excepcionais poderes que brinda a fortaleza individual e pura do homem solitário.

3 Para mais detalhes ver *La función del amor*. In: AINSA, Fernando. *Las trampas de Onetti*. Montevideo, Alfa, 1970. p. 93-112; e para uma versão ampliada e corrigida do mesmo texto, *El amor como búsqueda imposible de la perfección*, do mesmo autor em *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid (292/4):190, 1974, e GIACOMAN, H., ed. *Homenaje a Juan Carlos Onetti*. Nueva York, Las Americas/Anaya, 1974. 296 p.

Quando o pequeno Dionísio, no mito órfico, é capturado e despedaçado por titãs, seu pai, Zeus, está ausente, recordou oportunamente Furio Jesi.⁴ O menino primordial, diz Jesi, deve ser um órfão ou um abandonado. Zeus intervirá só mais tarde, quando retirar no corpo fulgurado pelos titãs, o menino regenerado. A figura deste herói romanesco, órfão, parece ter que ser assim, por fundir-se nela a experiência dos terrores do homem abandonado num mundo primordial dividido entre o Bem e o Mal.

Em *Sombras Sobre la Tierra*, Juan Carlos participa desta dilaceradora experiência "Agônica"⁵ e tentará, nos momentos de máxima solidão, evocar a figura materna ou a mais difusa e esquecida do pai. "Que vida esta, mamãe!" exclama uma noite olhando a fotografia que está pendurada no seu quarto. "Ai, mamãe. Não estou magoado com você, mas, mas... onde me encontro? Que é esta vida, mamãe?, ainda que logo, chorando, se esclareça a si mesmo: "Como, como é possível que lhe jogue isso na cara!"⁶ Em outra oportunidade, ainda sentindo "ardente cólera" pelo herético da imagem que o persegue, Juan Carlos funde no rosto de Nena, a jovem prostituta que é sua amante, os traços do rosto da sua mãe: "as lembranças, o sentimento de ambas, se entrecruzam, se confundem".⁷

Se a imagem da mãe persegue o herói de Espínola, a do pai se diluiu no tempo. Como o Cristo agonizante na cruz, Juan Carlos poderia exclamar: "Eli, Eli, lama sabactani?" como testemunho da sorte do órfão a quem o auxílio paterno só chega depois da morte. Mas já se sabe que não há religião que garanta a presença do "pai dos céus". O herói de Espínola deverá fixar seus olhos na origem de sua sorte, para sentir ante uma vida que não entende, como o poeta Rilke: "sou o último da minha estirpe", o predestinado a nomear e evocar pela última vez um mundo que parece agredí-lo em todas as suas formas.

Juan Carlos é, além do mais — como todos os órfãos míticos da literatura universal — um "rebelde" que começa por "desobedecer" à ordem. Como Adão, o órfão original, ao desobedecer deverá sofrer o castigo da sua expulsão do Paraíso. No seu caso, perder o paraíso, supõe dar um passo para a anarquia e para uma dualidade ambivalente.

A sinuosa linha do Bem e do Mal

Sem laços familiares que o prendam a uma visão determinada do mundo, o herói de Espínola enfrenta em sua anárquica rebeldia uma realidade que lhe aparece dividida em notas extremas e indiscutidas: há no povoado um Centro, onde moram os representantes do Bem, e um Baixo onde se objetivavam para esses donos do Bem as notas que caracterizam o Mal.

4 JESI, Furio. *Literatura y mito*. Barcelona, Barral, 1972. p. 13.

5 No sentido etimológico grego da palavra; "agón" que significa luta e combate.

6 ESPINOLA, p. 345.

7 *Ibid.*, p. 167.

O esquema é simples, tanto geográfica como espiritualmente:

O Baixo é o desfogo do povo. Em seus prostíbulos se desviam e se extinguem as chamas da paixão que, de outro modo, poderiam causar estragos. Lá em cima, no Centro, as moças passam sem perigo para sua honra os melhores anos, em que o sangue se agita nas veias como enxame, olhando seus dias solitários e suas saias vazias; com a imagem do namorado de quem uma penosa economia vai aproximando lentamente, tão lentamente, de maneira estranha ao amor, que o transforma em vulgar coisa acostuada. O Baixo é o escoadouro. Os moços desfazem-se de algumas moedas e da ânsia, e voltam para suas casas já apaziguados. Para continuar no meio de seus quatro sonhos curtos e em sua longa vida.⁸

Esta descarnada e crua apresentação, que divide tão taxativamente o mundo do Bem e do Mal, com um Centro (que é em cima) e um Baixo, que convida a pensar no Inferno, deve provocar um indignado repúdio. O mundo não pode ser assim. "Isto dá asco", dirá o próprio Espinola. Não obstante, partirá de um esquema tão maniqueu, que irá estruturando em **Sombras Sobre la Tierra** uma possível salvação para o seu elementar dualismo pela via expiatória do amor, como se para propor o possível reinado do Bem no âmbito prostibular, necessitasse de uma passagem por um Purgatório feito de despojamento e unção. Se aí está o pecado, este pode purgar-se em seu próprio território, redimível em sua essência, e porque, nada hereticamente, a condição de prostituta pode ser passagem prévia à de Santa.

Contudo, o esquema dualista do Bem e do Mal tem seus guardiões implacáveis. São os que devem estar sempre lembrando onde está a linha precisa que separa sem concessões suas zonas irredimíveis. O Chefe da Polícia, o médico do povoado Don Luciano, o Coronel militar e os "grossos" representantes da ordem se reúnem em um salão do Clube Social local para deliberar sobre a conduta de Juan Carlos, esse amante de uma prostituta e freqüentador diário do mundo do Mal, que suspeitou que ali pode existir a bondade.

Os guardiões são juizes e pedem-lhe que "mude de vida"; esse "mudar" supõe encarnar os valores do povoado e de seu Centro: casar-se com "uma moça linda e boa", fundar "um lar", "perpetuar o nome e a vida", cuidar de numerosos bens familiares, "um dinheiro que não pode ficar sem dono".⁹ A conduta de Juan Carlos pode ser compreendida, ainda que não justificada, porque é "um órfão". No entanto, não se tolera que corrompa os jovens que o imitam, por que "eles têm pais e irmãs". O órfão poderia transgredir a linha do Bem, sempre e quando não for exemplo de quem já tenha família. "Juan Carlos, você está fazendo nossos filhos se perderem": este é o delito máximo que lhe impugnam.

Sombras Sobre la Tierra é um romance que delinea ainda outras dúvidas em um esquema tão simples. Suas páginas transcendem uma maior am-

⁸ ESPINOLA, p. 44.

⁹ Ibid., p. 67.

bigüidade: a oposição entre o Bem e o Mal é análoga à que existe entre nós e os outros, entre o interior e o exterior; é uma oposição que está em nós mesmos, na tensão agônica que embaraça os humanos. Nunca pode ser, na visão existencial de Espínola, a simples divisão entre o Centro e o Baixo, senhoritas e prostitutas, casas de família e prostíbulos, órfãos e os que tem pais e irmãos. O Bem e o Mal não passam necessariamente pelas ruas que dividem as duas zonas da cidade.

Contudo, Espínola não comete o erro de propor uma **ordem** inversa ao estabelecido: o Bem assentado no Baixo e o Mal reinando no Centro. Sua proposta é muito mais ambígua e existencial. “Senhor que vos haveis amassado com esta terra. Não vos assombreis de encontrá-los tão terrenhos”, havia escrito o poeta Pérguy abrindo as comportas à grande dúvida cristã: já que Deus é o autor do homem, não é igualmente responsável pelo pecado que o homem comete? Castigar a espécie humana por um crime que sua natureza o predispõe a cometer, contradiz a idéia de bondade. Não é estranho, pois, que o campanário da igreja do povoado proteja com seu som tanto o Baixo como o Centro. Tudo está em seu reinado, um mundo rico e variado, onde é difícil jogar a “primeira pedra” contra os “condenados” do Baixo.

Continuamente, em **Sombras Sobre la Tierra**, o tanger dos sinos da igreja soam com igual misericórdia sobre as zonas que o homem dividiu em Bem e Mal. O templo, casa de Deus, protege sem diferenças, com sua auréola, a quem está numa ou outra zona, apagando toda possível distinção. Essas mesmas badaladas que ocorrem em todo o romance, anunciam uma manhã que Cristo ressuscitou, alvoroço que Juan Carlos festeja dando cinco tiros para o alto e no pátio do prostíbulo.¹⁰

Mas, ao ressuscitar, Cristo fica paradoxalmente só. “Cada qual voltará tranqüilamente às suas coisas. Pois Jesus volta a velar por todos. Junto a Deus. Atento e todo-misericordioso”.

Outras vezes, as mesmas badaladas “parecem haver surgido da profundidade da terra”.¹¹ ainda que sobre o campanário da igreja esteja sempre o Cruzeiro do Sul, abrindo “seus braços piedosos sobre a cidade adormecida e sobre o Baixo desperto”.¹²

O eterno par do criminoso e da santa

Enquanto todas as perfeições coincidem na **unidade** que os sinos simbolizam, o mundo do Bem e do Mal pode fragmentá-la em diversidade, como um prisma decompõe em espectro um só raio luminoso. Como diriam os estóicos, só pela multiplicidade dessas facetas o mundo pode corresponder à idéia de **unidade** que pretende Deus: tem que haver de tudo para fazer “este mundo”.

10 ESPINOLA, p. 152.

11 Ibid., p. 275.

12 Ibid., p. 232.

“Esta doutrina permite refutar as objeções que consistem em denunciar a inutilidade, a fealdade ou a nocividade de tal ou qual ser; os pântanos, a girafa ou a cicuta não inspiram nenhuma crítica ao sábio, uma vez que contribuem para a variedade do universo”. Uma concepção hierárquica da realidade nos obriga assim ao mesmo tempo a não confundir os níveis e, por outra parte, a considerar como um todo, o conjunto da hierarquia”, sustenta Elisabeth Labrousse.¹³

Considerando as dificuldades filosóficas, são evidentes os esforços de Espínola em **Sombras Sobre la Tierra** para evocar uma forma única de expressão divina, apagando todo esquema dualista “apriorístico”. Pode-se falar, neste sentido, de uma tripla função alegórica e expiatória da sua obra:

- A) O prostíbulo como templo caseiro do órfão
- B) O amor como transfiguração do pecado
- C) Os Sonhos da violência como Juízo Final redentor.

Vale a pena analisar ligeiramente cada uma destas funções alegóricas propostas, a fim de compreender a cabal unicidade da obra de Espínola e sua projeção no universo mítico do prostíbulo como templo na narrativa latino-americana.

A) O prostíbulo como templo caseiro do órfão

O órfão não tem lar; porque viver numa “casa” não supõe sempre ter um lar. Assim o sente Juan Carlos cada noite, quando sobe lentamente do Baixo até sua casa. Uma minuciosa descrição acompanha uma dessas “subidas”, pautando um evidente desejo de “não querer chegar” à sua casa¹⁴: “Juan Carlos sobe em direção ao Centro. A passos largos e lentos, a cabeça baixa, o homem”. Vem do prostíbulo, deixou dormindo a Nena e entra em sua casa vazia. Isto já não é um lar nem pode voltar a sê-lo.

Pelo contrário, o dia em que Juan Carlos dorme no prostíbulo seu despertar é radiante, destacado por notas tão simples como “um sol alegre”, ruídos na cozinha e a fuga de dois pardais que entraram confiadamente no refeitório. Este prostíbulo pode ser um “lar”, o possível templo para a consciência órfã de Juan Carlos. Na verdade já o é para as moças que vivem nele, onde pelas manhãs “entram o padeiro, com sua canastra no braço, o latão de leite. Ressoa o latão. Da rua o verdureiro oferece sua mercadoria. As compradoras discutem o preço. Trocam-se saudações, comenta-se o tempo. Dir-se-ia que um menino vai irromper pela porta e pendurar-se na carroça. Arde alegremente o fogo na cozinha. Nos raios de luz dança o pó que levanta a vassoura. A casa se enche de claros rumores. Entra a vida com o sol matinal, percorre e acende tudo com seu sopro reconfortante. É uma casa, então, como as outras”.¹⁵

13 LABROUSSE, Elisabeth. *El mal*. Buenos Aires Raigal, 1956, p. 34.

14 Da página 68 a 72. ESPÍNOLA descreve morosamente o retorno a seu lar vazio em termos humanos, um caminho que vai cruzando as diferentes zonas do povoado.

15 ESPÍNOLA, p. 167.

Não se pode estranhar a reação de Juan Carlos, quando um cliente ma-
drugador rompe a idílica visão de “esta casa como outras”, para recordar
que aquilo é um lupanar, onde se pode comprar a sua mulher por um peso.
O sortilégio se rompe: Juan Carlos se joga contra o inoportuno, insulta e
golpeia Nena e foge correndo. Aquilo **tampouco** pode ser o “lar” procurado
para sua orfandade. Está perdido e o confessará angustiado a Olga, a moça
do reinado do Bem que vive no Centro: “Olga, eu devo vir aqui mais se-
guido. Estou só”.

Olga, a irmã de Martín, é a mulher-alternativa de Juan Carlos. Se es-
colher seu amor não terá problemas na zona do Bem a que pertence por nas-
cimento. No entanto, considera o carinho que lhe inspira em várias oportu-
nidades: — “Pensa então em “Olga”; “A idéia de Olga enche-o secretamente,
funde-se pouco a pouco com seu pensamento e se distancia entre um rede-
noinho de imagens dissociadas”¹⁶ não pode nunca identificar essa imagem
com a lembrança de sua mãe, a síntese perfeita de mãe-amante que conse-
guiu Nena.

Em tudo, o prostíbulo de Espínola, como o de Donoso e Onetti, está
sacralizado. Uma casa comum se transformou em prostíbulo através de sua
transfiguração pela morte e a destruição. Na casa onde é pupila a Nena,
languidecendo lentamente atrás das vidraças, morreu uma mulher de pele
muito branca. Logo, ficou desabitada. “Trincaram os vidros as pedradas das
crianças. Até que certa manhã, muito cedo, abriu-se de par em par a casa.
E foram colocadas novas vidraças, uma a uma. Mas atrás delas não se viu
outra coisa, senão os postigos, também verdes, agora.”¹⁷

Na objetivada e acumulativa descrição realista que faz Espínola dos
quartos onde vivem e trabalham as prostitutas, uma pobreza cênica, quase
de cela conventual ou de prisão, surge como características de um mundo
expiatório. O purgatório não deve ser pior nem melhor.

“Aos lados do leito de dois lugares há mesinha de luz com floresiras mui-
to bonitas, desde as que, sobre talos de arame, brotam corolas de papel. No
meio da peça, uma mesa coberta por uma toalha. Ali, o cliente, sem pressa
e com dinheiro, pode beber a sós com a mulher. Em um canto, outra mesa
menor. Sobre ela, uma garrafa, um aquecedor a querosene... E frascos, cai-
xas, potes de uso feminino. Em outro extremo, um biombo verde evita que
sejam vistos uma bacia e um balde. Um grande armário com espelho e vá-
rias cadeiras completam o mobiliário. E por sobre tudo cai a luz da lâm-
pada que um quebra-luz suaviza em azul-celeste”.¹⁸

Alberto Zum Felde sustenta que “a proeza literária de Espínola foi ir
manejando com difícil e delicadíssima justeza o contraponto paradoxal dos
dois planos, o objetivo e o subjetivo, em um terreno que lhe oferecia o
máximo de risco e de triunfo. Pois, enquanto exteriormente se vêem as po-
bres mulheres moverem-se como autômatas, no baixo e triste cansaço de seu

16 ESPINOLA, p. 70 e 123.

17 Ibid., p. 49.

18 Ibid., p. 50.

mister e de seu ofício — sem que conomize nenhum detalhe brutal ou repugnante antes, com luxo deles, pois esse luxo está dentro do procedimento necessário para o contraste — interiormente no-las mostra, no-las transparece, em um sonho, quase em um sonambulismo de coisas, ingenuamente românticas...”¹⁹

Contrabalançando esta pobreza e a condição desagradável de muitos de seus objetos, este mundo prostibular oferece segurança e é um “lar” para as pupilas. Esta segurança se comprova quando se descreve como vive Coca, a amante de Martín, a que saiu do templo para exigir horrores cada vez mais intensos. Em uma peça com chão de terra e úmidas paredes, sujas de fumaça, “há uma desmantelada cama de nogueira e uma mesa de cabeceira que tiraram o mármore. Sobre esta pousa um relógio despertador. Há também dois inteiriços bancos de ceiba.”²⁰ Em cima de um caixão de querosene, uma bacia, um pentinho, um sabonete dentro de sua própria água espumosa.²¹

Por contraste, agora o prostíbulo pode ser aquele “lar” que se suspeitava a princípio. Mas há mais na alegoria de Espínola.

B) O amor como transfiguração do pecado

Não é fácil para um narrador existencial livrar-se do esquema dualista da teodicéia cristã, no qual coexiste o pessimismo dos condenados com as teses otimistas da salvação. Para os escolhidos este otimismo se justifica. No final das contas, como anota Elisabeth Labrousse²², para estes, os males não são mais que uma dissonância passageira que se anula na beatitude última, onde o Bem e o Mal, enquanto correlativos, desaparecem para deixar lugar ao bem absoluto que é “o melhor” leibziniano. Em troca, do ponto de vista do condenado, a teodicéia cristã é acentuatadamente pessimista: ele está excluído da harmonia final, onde cada criatura se ordenará em relação a Deus. A dissonância e a separação se eternizam. Não há consolo para “os maus”, a quem só cabe maldizer a morte ou resignar-se ante a desgraça de sua existência.

Neste esquema a prostituta está **condenada** desde a origem. Arrasta uma culpa que a converte numa fatal encarnação do Mal. Como todos os seres condenados “pelos demais” a uma forma definida da maldade, Nena, Coca, Margarida e todas as prostitutas do Baixo escolheram o pior, não porque “não podiam” escolher outra coisa. Sua vida está completamente traçada; sem passado conhecido, arrasta uma desgraça inerente a sua condição. Parafraseando a conhecida frase de Jean Genet: “decidi ser o que o delito fez

19 Do prólogo de *Sombras sobre la tierra*.

20 N. T. Ceiba é uma árvore da República Argentina.

21 ESPÍNOLA, p. 129.

22 LABROUSSE, p. 61 e 62.

de mim”²³ — poderia se dizer: “Decidi ser o que a prostituição fez de mim”.

Desde que Nena não pode “iludir” seu destino, será seu próprio destino; desde que tem vedado o acesso ao mundo perturbante do Bem (o Centro), assumirá sua resignada vocação no Baixo. A sociedade exige-lhe que encarne a “malvada”, porque uma prostituta não pode ser outra coisa. Assim, até que apareça o amor. Então é preciso ser boa e prová-lo aos demais como a elas mesmas.

Juan Carlos lhe perguntará: “Você é boa, não é verdade, Nena?” para logo insistir: “Eu o sei, sei-o, mas é necessário que o diga, que o ouça”.

— Sou boa, Juan Carlos.

— Apesar do que destruíram em você, é boa. Não é certo? Não é certo, Nena?

— Sim, sou boa, Juan Carlos.

— Minha mãe era uma santa!”²⁴

Nestes momentos suspeita-se que o Mal é um conceito para uso externo. Ninguém dirá por si mesmo, antes de ser reconhecido culpado: “Quero o mal”. Seja um valor arbitrário dos demais, projeção ou catarse da sociedade, esta “condenação” de Nena permite fazer suspeitar, em **Sombras Sobre la Tierra**, notas mais ambigüamente cruéis. Juan Carlos sabe que o segredo de seu amor é querer em Nena o que “os demais” decretaram que é Maldade e que ele sabe ser bondade essencial.

“É que sou um confuso — se diz — Se a tiro daqui, se a retiro, me parece que não a quereria. Como se eu, para querer, tivesse que me compadecer. Como se não pudesse querer mais que o triste, o que me dá lástima...²⁵

Outras vezes, pode-se pensar que este amor de Juan Carlos representa um amor mais genérico: “No já escuro quarto, Nena dorme. Entre os braços de Juan Carlos descansa sua carne triste. Ele cola seu rosto ao rosto da jovem prostituta. Uma comovedora ternura foi transbordando de seu coração. Vozes, gemidos afogados... Até ele chegam. Mãos implorantes... Pouco a pouco vai transcendendo sua ânsia até abranger o mundo, até fazê-lo sentir que é a humanidade inteira que tem entre seus braços, triste e fatigada, impura e santa”.²⁶ Então pode surgir uma opção: “Nunca, nunca mais voltará com os meus. Serei bom, por fim. Serei espantosamente bom. Morrirei por você... Ah, não! Melhor, melhor, ainda. Matarei por você... Por um

23 SARTRE Jean Paul. **San Genet**; comediante y mártir. Buenos Aires, Losada, 1967. p. 72, considera que nesta proposição, na aparência tão simples, existem dois verbos de implicações muito significativas. O verbo “decidir” e, mais importante, o verbo “ser”. O esquema do bem e do mal também aparece sugestivamente contido nas palavras que Genet põe na boca de uma das empregadas: “o par eterno do criminoso e da santa”, palavras que dão o título a um dos capítulos desta obra.

24 ESPÍNOLA, p. 167.

25 *Ibid.*, p. 153.

26 *Ibid.*, p. 281.

momento, "é a humanidade inteira, calada, em seus braços hercúleos. Não é desvario. É apenas..."²⁷

Mas este amor, ou o mais específico que lhe inspira Nena, não poderá ganhar o coração de Juan Carlos. Também ele é prisioneiro do esquema dualista que não consegue romper nem as recorrentes badaladas da igreja sobre **todo** o povoado e se dirá outras vezes, sem poder dissimular a condenação de suas palavras:

"Nena, Nena, por que você é o que é?"²⁸

O amor prostibular, para formalizar-se, necessita da dor. Quando Nena reclama: "Eu quisera que fosse meu marido, Juan Carlos!",²⁹ a forma de selar esse vínculo não é numa alegre cerimônia, senão deixando que seu peito seja mordido, até ficar uma marca vermelha, que a prostituta ostentará com orgulho.

As vias de acesso ao amor da prostituta se cumprem mediante humilhantes práticas de submissão ao "macho". "A vida da prostituta se renova com seu "macho" — escreve Espínola.³⁰ O "macho" é o semelhante com quem a solidão se prolonga, que permite pensar em voz alta, diante do qual não está obrigada a esconder uma dor, com o qual se pode ser digna, mais feminina, sentir-se ela mesma alguma vez". Espínola insiste mais adiante que "se a prostituta se sente protegida por seu "macho" diante da patroa, do comissário namorador, do militar que se excede no uso de suas atribuições, do compadre avesso", não é menos certo que também este homem pode ser objeto de amor:

[...] ter por quem chorar, por quem escutar o destino; poder fazer mil conjecturas perante sua demora; sentir violentas palpitações ao ruído de seus passos!... partilhar as dores da vida! Renasce então, já que ama, graças a ele, o único!³¹

E é que o mal deve expressar-se sempre pela dor, ainda que se torne difícil explicar como na obra perfeita de um Deus todo-poderoso, essa dor é permitida. Juan Carlos tentará uma resposta no monólogo que alinhava diante de Nena, que não entende suas palavras, mas que as sente por via emotiva:

Parece, às vezes, Nena, que há uma grande presença na vida que comparte nossa dor, que se compadece. Quando, sofrendo muito, nos ensimesmamos; quando estamos sós, na mais completa solidão, ou quando estamos como eu e você, agora, sem turbar-nos nem com o pensamento, então se faz mais presente ainda. Será isso Deus, Nena? Mas é que às vezes se tem a sensação de que há sofrimento seu que é anterior ao nosso; que sua dor pode ser a causa do nos-

27 ESPÍNOLA. p. 246.

28 Ibid., p. 262.

29 Ibid., p. 180.

30 Ibid., p. 44.

31 Ibid., p. 37.

so. Que Deus é desgraçado... que é impotente à nossa causa. Que é um prisioneiro como nós... Depois de Deus pode haver outra coisa? ³²

Em outra oportunidade, bêbado e desconcertado, gritará:

Ninguém entende nada de nada. E por que não dizê-lo de uma vez? para que fazer crer que se entende? Eh? Diga-me. ³³

Se o amor é uma forma de salvação e de redenção para o pecado, o **Mal** que teoricamente neste se expressa pode ter uma piedosa via expiatória em sua própria execução. Ao cair no pecado, já se está redimindo a alma que o comete: sua possível ignomínia aparece redimida na forma e na intensão do ato. De que outro modo poderiam entender-se os “pecados” de Júlia, iniciando o adolescente com delicada ternura maternal, ou o de Margarida, atendendo o corcunda Carlín, aquele que chorava a humilhação de sua condição no pátio do prostíbulo e que, ao ser amado, sente-se depositário de uma beatitude angélica que o identifica com uma manifestação do Paraíso na terra? ³⁴

C) Os sonhos da violência como Juízo Final redentor

Francisco Espínola propõe estas e outras formas de redenção alegórica no simplificado mundo do Bem e do Mal. Se o amor era uma, o ódio pode ser outra.

Quando a divisão político-partidária ameaça dividir também as duas zonas da cidade “Blancos e Colorados”, Juan Carlos tem um pesadelo premonitor:

O Baixo, o povoado inteiro, ardem de ódio e de carinho influenciados pelas divisões tradicionais. E este amor intenso e seu oposto ineludível, que contribuiu para acentuar, ele, racionalmente, quando se enfrenta a si mesmo, já não os justifica até esse grau. Além disso, seu pensamento foi mais longe, fora do horizonte dos partidários, além dos “Blancos e Colorados”. O Centro é a civilização com seu exigente desvirtuamento. Aqui, na cidade, pior que isso, porque é uma torpe imitação. Quem não se desfaz e se reforma, que vá ao Baixo. Aniquilando-se entre os violões e o aguardente e os vícios apiedados. Todo mundo está cheio de Centros e de Baixos, polvos sugadores da vida e de homens que escaparam de seus tentáculos, perdidos no escuro instinto da liberdade que não se quer entregar. Filhos dos Baixos do mundo, baixai tudo à terra! Purificai, enterrai! Que não seja senão pedra sobre pedra! ³⁵

32 ESPÍNOLA, p. 123.

33 Ibid., p. 139.

34 Ibid., p. 56.

35 Ibid., p. 256.

Estes pensamentos progressivos vão abrindo o caminho ao profético sonho final, tão semelhante ao de **Corral Abierto**, de Enrique Amorín³⁶

O Baixo burburinha. As ruas vão se povoando de gente que irrompe de seus casebres, dos ranchos; de homens que vêm dos campos, descansados da ira. As mulheres que em tropel se incorporam trazem armas, também: machados, pedaços longos de ferro, paus. Os punhos se estendem ameaçadores até a arrogante cidade de cima.³⁷

Juan Carlos, alucinado e bêbado, sonha em encabeçar esse tumulto humano que avança do Baixo em direção ao Centro, para invadí-lo e incendiá-lo, seguindo o profético conto do mendigo Magunga: "Este povoado cairá como Babilônia!" A sangue e a fogo, mas entre a fumaça e os gritos a imagem de Olga, a "moça boa" de evocadores olhos verdes, que vive no Centro e que poderia ser sua esposa, surge para despertar Juan Carlos de seu sonho apocalíptico pela violência. As fúrias desencadeadas voltarão a seu ambíguo sossego: Olga vive no Centro e ela encarna parte de seus valores. Inverter os mundos pelo ódio não é tampouco a solução: também aqui haveria vítimas inocentes. Uma vez mais, a linha divisória do Bem e do Mal se apresenta sinuosa, envolvente e paralisante. Quem pode, então, atirar a primeira pedra?

Certo ineludível fatalismo acompanha estas últimas etapas da alegoria de Espínola. Se o amor é impossível, o ódio também o é, e ao final de **Sombras Sobre la Tierra** se adivinha que o mito do órfão, para garantir sua salvação, deve repetir-se em sua maldição original.

O tempo do órfão é eterno porque é cíclico. Deve repetir-se como uma maldição o triste destino do pai que condena o filho desde o momento da sua gestação, a ser outro órfão, a ser sua própria reencarnação no tempo. Matar-se a si mesmo para encarnar-se em outro, arrancado a seu próprio ser e depositado no objeto de seu amor é o que Juan Carlos quer com um filho, porque será um filho condenado a ser como ele: "Um menino, um menino! Dá-me um menino, Nena",³⁸ ainda que comprove no mesmo instante em que o concebe que: "Estamos encurralados. Todos estamos encurralados. Só isto é santo e puro!"³⁹

Esta pureza e santidade logram encarnar seu desejo, o mesmo que aparece projetado bíblicamente no final do romance, nas palavras do velho Ma-

³⁶ No final de **Corral abierto**, Horacio Costa viaja num trem para Montevideo e sonha que uma vasta coluna de postergados o acompanha emergindo de um curral aberto e mostrando seus males a uma sociedade que os ignora. Com uma letania "bunhuelesca", cada habitante do miserável ranchario, é apresentado pelo "El carpintero" num pesadelo promissor de outras violências.

³⁷ ESPÍNOLA, p. 348.

³⁸ *Ibid.*, p. 300.

³⁹ *Ibid.*, p. 263.

gunga. Nena, sentindo o gérmen de uma nova vida palpitando em suas entranhas, escutará as proféticas palavras:

Alegre-se, oh esteril, quem não pare; cante, e dê vozes de júbilo, aquela que nunca esteve de parto; porque mais serão os filhos da deixada que os da casada, disse Jeová.⁴⁰

Mas, apesar desta esperança, Nena, como todas as prostitutas quando são mães, deverá condenar também seu filho à orfandade. Se não é o pai, é a mãe a que falta, e o testemunho de Iracema, a pupila que agonizando confessa ter uma filha a quem disseram que sua mãe morrera fazia tempo, é de um patetismo desgarrador. Preferir "morrer" aos olhos de um filho, fazê-lo órfão antes do tempo; eis aqui outra das tristes chaves da investidura das condenadas de "a terra das sombras" do mundo de Espínola: matar-se em vida para não romper o mito doloroso do órfão que aparece eternizado em um círculo que assume com resignada fatalidade a Maldade que decretaram os demais. Sem esta alegria, mas com essas esperanças, fecha-se este romance de tão personalizado sopro existencial e de tão significativa alegoria humanista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSA, Fernando. El amor como búsqueda imposible de la perfección. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid (292/4):190-236, 1970.
———. *Las trampas de Onetti*. Montevideo, Alfa, 1970. 195 p.
AMORÍM, Enrique. *Corral abierto*. Buenos Aires, Losada, 1956. 208 p.
CARPENTIER, Alejo. *Los pasos perdidos*. Barcelona, Barral, 1971. 280 p.
ESPINOLA, Francisco. *Sombras sobre la tierra*. 3. ed. Montevideo, Centro de Estudiantes de Derecho, 1966. 368 p.
GIACOMAN, H., ed. *Homenaje a Juan Carlos Onetti*. New York, Las Americas/Anaya, 1974. 296 p.
JESI, Furio. *Literatura y mito*. Barcelona, Barral, 1972. 266 p.
LABROUSSE, Elizabeth. *El mal*. Buenos Aires, Raigal, 1956. 108 p.
SARTRE, Jean Paul. *San Genet; comediante y mártir*. Buenos Aires, Losada, 1967. 680 p.

Resumo

O autor analisa *Sombras Sobre la Tierra*, de Francisco Espínola, sob três aspectos: o órfão como rebelde agônico; a sinuosa linha do Bem e do Mal e o eterno par do criminoso e a santa, e propõe como funções alegóricas: o prostíbulo como templo caseiro do órfão; o amor como transfiguração do pecado e os sonhos da violência como Juízo Final redentor.

Resumen

El autor analiza *Sombras Sobre la Tierra*, de Francisco Espínola, bajo três aspectos: el huérfano como rebelde agónico; la sinuosa línea del Bien y del Mal y la eterna pareja del criminal y de la santa, y propone como funciones alegóricas: el prostíbulo como templo hogareño del huérfano; el amor como transfiguración del pecado y los sueños de la violencia como Juicio Final redentor.

40 ESPÍNOLA, p. 365.